

Sábado
10 de Outubro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3131
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1750 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150 PORTO
Público na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

PUBLICIDADE

AGORA VOCÊ
ESCOLHE COMO
QUER ACORDAR.

Basta ligar
(0931) 1780

TELECEL 7

Guterres dá meios mas exige resultados na luta contra a corrupção

Governo faz ultimato a Cunha Rodrigues

O Governo sente-se posto em causa com o aumento das suspeitas de corrupção na máquina do Estado. António Guterres está, por isso, apostado em dar ao procurador-geral da República todos os meios necessários para este combate. Mas quer ver resultados dentro de um ano. Se não, a situação da Procuradoria-Geral da República terá de ser repensada.

página 8

Nobel Saramago explica-se em Espanha

José Saramago chegou de Frankfurt, desdobrou-se em entrevistas em Madrid e tem hoje um dia de múltiplos contactos. É o frenesim das primeiras 24 horas do Nobel da Literatura, passadas em Espanha. Portugal virá depois.

páginas 2 a 5

Inquérito O que é hoje ser escritor comunista?

Quatro escritores respondem no suplemento literário do PÚBLICO sobre o que é ser escritor comunista hoje: José Saramago, Mário de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues e Alice Vieira.

Leituras

Juros Banco de Portugal desce taxas de referência

O Banco de Portugal baixou ontem as suas taxas de juro directoras em 0,5 pontos percentuais, secundando medida semelhante tomada há dias pelo banco central espanhol. A Irlanda seguiu o mesmo caminho, ao contrário da Itália, que mantém a taxa mais alta da zona do euro. Desde 1973 que as taxas de referência do Banco de Portugal não tinham descido tão baixo.

página 41

Itália Governo de Prodi cai e abre crise política

Caiu o Governo de Romano Prodi, o primeiro liderado pela esquerda desde o fim da guerra. Em vésperas do euro, a Itália corre o risco de derrapagem. Se falharem todas as manobras negociais, haverá eleições antecipadas.

página 21

PUBLICIDADE

Crédito
Habitação
BPI

TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.

Holbrooke apresenta novo plano para o Kosovo e Milosevic só tem uma semana para responder

Ataque aéreo à Jugoslávia mais próximo

páginas 22 e 23

DAMIR SAGOLJ/REUTERS



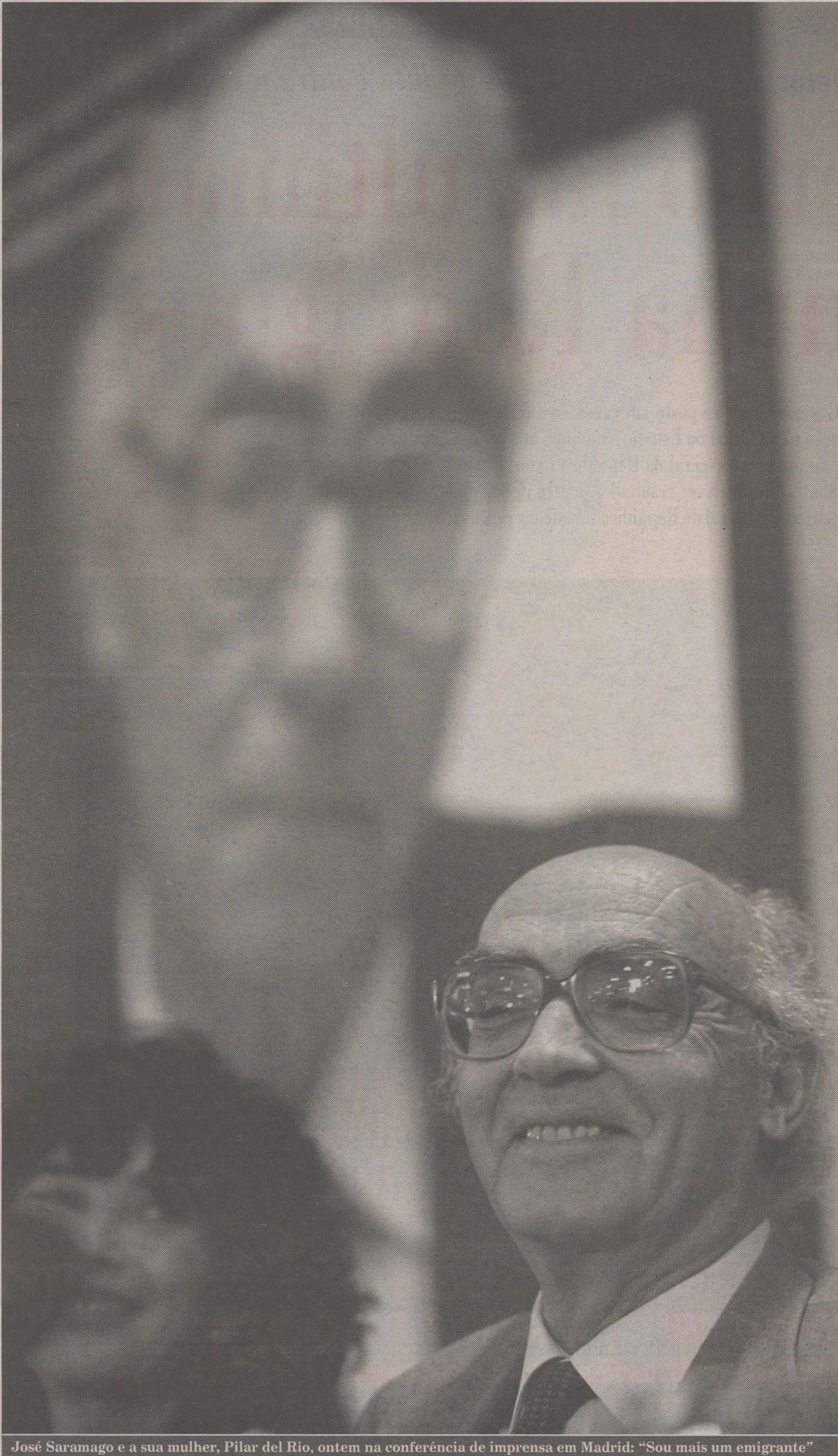
DESTAQUE

Assim vai “el nuestro” Nobel

Nuno Ribeiro, em Madrid

DESMOND BOYLAN/REUTERS

Recebeu telegramas e telefonemas, da Real Academia Espanhola ao seu antecessor no Nobel da Literatura, Dario Fo. Chega a Lisboa na terça-feira depois de uma passagem obrigatória por Lanzarote. Ontem, aos jornalistas de Espanha, fez questão de sublinhar que não é exilado mas mais um emigrante. Dos que pagam impostos. Confrontado com as críticas que lhe foram dirigidas pelo “L’Osservatore Romano”, o órgão oficial da Santa Sé, limitou-se a dizer que “a Igreja tem uma capacidade especial para insultar”. As primeiras 24 horas do laureado Saramago foram, assim, passadas em castelhano. Com os espanhóis a ouvir “el nuestro” Nobel.



José Saramago e a sua mulher, Pilar del Rio, ontem na conferência de imprensa em Madrid: “Sou mais um emigrante”

Chegou de Frankfurt, desdobrou-se em entrevistas na capital espanhola, almoçou com os seus editores de Espanha e tem hoje pela frente um dia de múltiplos contactos. É o frenesim das primeiras 24 horas de Prémio Nobel que, ironiza, “tal como as misses de beleza, tem a vigência de um ano”. Entre fotos e câmaras de televisão, José Saramago adiantou, ontem, ao PÚBLICO, que “a igreja tem uma capacidade especial para insultar”. Daí que seja com normalidade que recebe as críticas do jornal oficial da Santa Sé.

“Acho a atitude do Vaticano a mais lógica, não seria aliás normal que tivesse outra, o seu fundamentalismo não ocorre pela primeira vez, ainda recordo o que se passou o ano passado com o Dario Fo”, diz Saramago. Está visivelmente cansado e recorda o telefonema que recebeu, momentos antes, do italiano, Nobel em 1997: “Quería felicitar-me e repetir, com muita graça, o que me disse há precisamente um ano, que ia tê-lo [o Prémio Nobel] e que a sua previsão se tinha confirmado”. É um episódio contado no quinto volume dos “Cadernos de Lanzarote”, já no prelo: em 14 de Outubro de 1997, na sua casa na ilha, José Saramago recebe um telefonema rápido de Dario Fo, dizendo: “Sou um ladrão, roubei-te o prémio. Um dia será a tua vez. Abraço-te”. Contudo, na conversa de ontem com o dramaturgo italiano a postura da hierarquia eclesiástica voltou a ser tema: “O Vaticano deve meter-se naquilo que lhe compete, salvar as almas que possa, mas a Igreja tem uma capacidade especial para insultar”, sublinha.

Horas antes, numa conferência de imprensa, o discurso, menos cansado, foi mais fluído

Vaticano hostil,

O ÓRGÃO oficial do Vaticano, “L’Osservatore Romano”, inquietava-se na sua edição de quinta-feira com a atribuição, pela Academia sueca de Estocolmo, do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago. É uma “escolha política”, Saramago “continua a ser um comunista inveterado”, afirmava aquele diário.

O principal argumento do Vaticano contra o Nobel português é o livro “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, uma prova, segundo “L’Osservatore Romano”, da “visão substancialmente anti-religiosa de Saramago. “Isto para não fa-

e a mensagem ainda mais clara: "Respeito a fé mas não a instituição, que tratam das suas orações e deixem as pessoas em paz". Ao fim da tarde de ontem, numa sala de conveniência "roubada" a um dos directores da sua editora espanhola, com a serpentina do trânsito de Madrid aos pés, Saramago já recebeu notícias de Portugal: "Ali, mesmo dentro da Igreja, ouviram-se vozes contrárias a este tipo de reacções". As que são próprias aos tempos do "pensamento único" e que o escritor antevê irá desembocar, finalmente, no "pensamento zero".

"Cunhal telefonou-me para Frankfurt"

A José Saramago não o surpreende, portanto, a desfavorável opinião religiosa sobre um tema que, em princípio, não deveria ocupar o exercício de clérigos da hierarquia. Acha, contudo, estranho que na postura oficial o apelidem de "comunista recalitrante", com o adjectivo a merecer-lhe um comentário jocoso: "Está mal utilizado, deviam ter dito que sou coerente, não necessitei de deixar de ser comunista para ganhar o Prémio Nobel — e esta é uma indirecta".

Já anteriormente, com malícia, na conferência de imprensa, Saramago assumia a sua condição ideológica: "Os erros do comunismo foram muitos, e também os crimes, mas o Papa João Paulo II herdou a Inquisição e é Papa; eu sou herdeiro de todos esses erros [os do comunismo], não tenho outro remédio, mas mesmo assim penso que um dia se vai poder viver de forma diferente no Mundo, pelo que continuarei a pensar o que penso".

Dos seus camaradas do PCP recebeu telefonemas: "Álvaro Cunhal telefonou-me para Frankfurt para felicitar-me, disse-me que este prémio é um motivo de orgulho para todos nós, não apenas os comunistas, mas para todos os portugueses". Também Carlos Carvalhal falou com o escritor para a Alemanha, diz ele que "com a mesma afectividade e carinho". A Saramago não lhe surpreendem os comentários de Cunhal sobre a sua obra literária, do "Levantado do Chão" ao "Ensaio sobre a Cegueira": "Desde sempre que tem um carácter mais aberto,

é um grande leitor, e é natural que sendo quem é política e ideologicamente, o facto de eu ter ganho o Prémio Nobel o tenha sensibilizado".

Na terça-feira, o escritor chega a Lisboa, cinco dias depois do veredicto da Academia Sueca. Um regresso que alguns consideram tardio, desfasado do tempo imediato à concessão do galardão. José Saramago, contudo, esclarece: "Não há nenhuma reconciliação necessária com Portugal porque não há conflito; tive, na verdade, um conflito com o governo que governava em 1992 e, então, pensei que naquele caso concreto e pontual o governo se portava como nos tempos do fascismo e surgiu a possibilidade de ir viver para outro lugar". Saramago acentua este caso, repete-o, quando em Espanha não poucos jornalistas quase que o remetem para a triste condição de exilado. "Sou como muitos outros portugueses, mais um emigrante, que paga os impostos em Portugal. Sou, mesmo, um contribuinte ultra-líquido, até ao último tostão", desabafara pela manhã perante os "media" espanhóis.

"Pessoa merecia mil prémios Nobel"

"Sou português, não quero nem posso ser outra coisa, mas por circunstâncias várias a minha Pátria cresceu, que é o que mais podemos desejar", acentua quando lhe lêem o telegrama da Real Academia Espanhola que o felicita, "reconhecendo com toda a justiça a excelência da sua obra literária que honra, simultaneamente, as letras portuguesas e a cultura ibérica". Saramago que em Espanha é um dos autores estrangeiros mais populares e que mais vende, é hoje o grande protagonista de um programa de uma rádio espanhola com plateia de portas abertas e aplauso garantido.

"Não nasci para isto", assegurou de manhã entre correrias de fotógrafos e a "entrada", em sucessivos directos nos canais de televisão de Espanha. Recordou a origem da sua família ribatejana, os Saramago de alcunha, e sentenciou: "O facto de ser Prémio Nobel não significa que seja o único que o merecia em Portugal; Fernando Pessoa merecia mil prémios Nobel." ■

Igreja portuguesa satisfeita

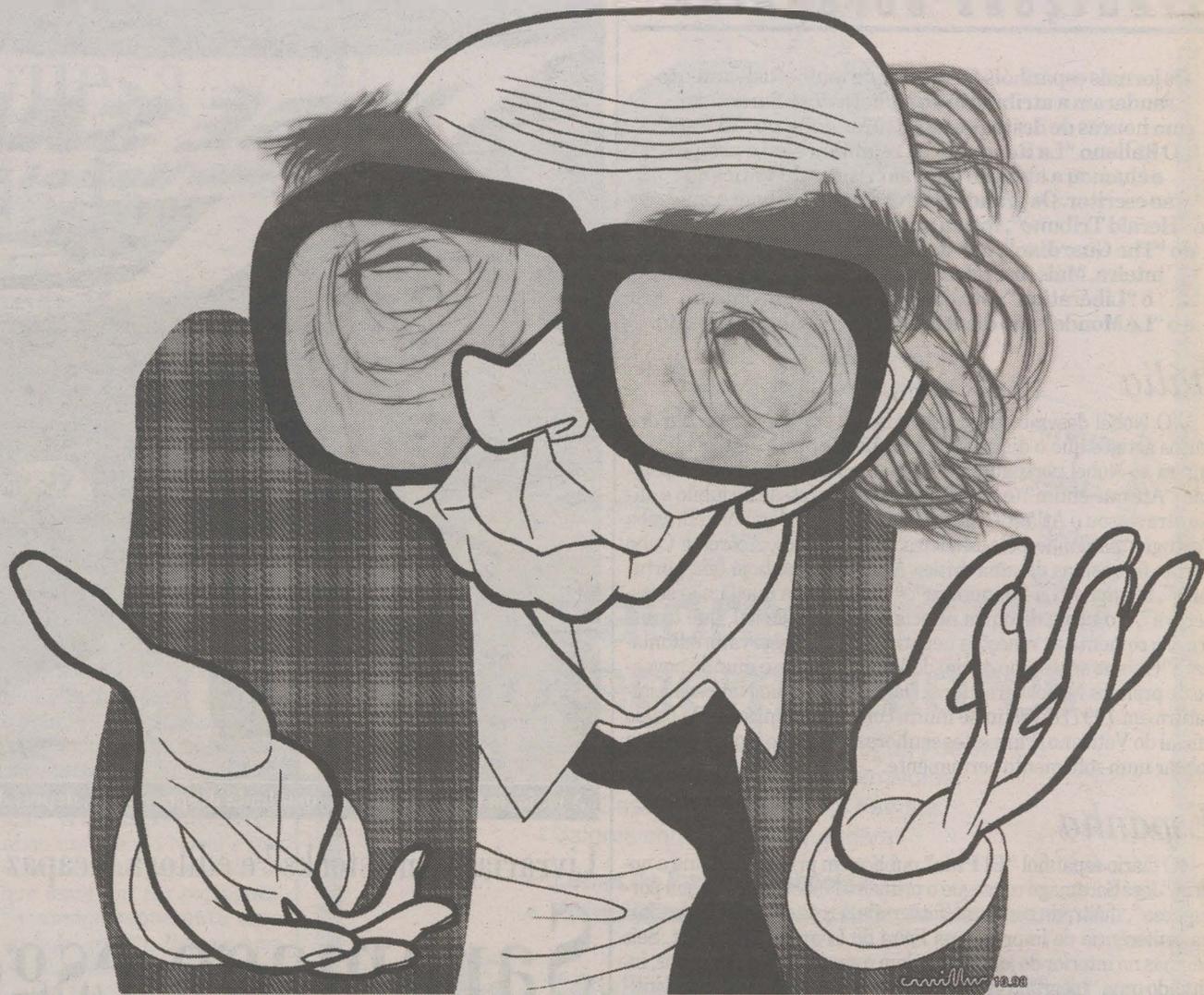
lar de "O Memorial do Convento", que "exprime toda a veia anti-clerical do escritor", acrescenta o órgão oficial da Igreja de Roma.

As reacções da Igreja portuguesa foram, pelo contrário, de satisfação com a escolha do Nobel da Literatura. O secretário da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Januário Torgal Ferreira, criticou mesmo as posições de "L'Osservatore Romano", considerando-as "demasiado redutoras". "Já não estamos nos tempos do Index. Que uma pessoa não partilhe ideologias comunistas ou socializantes, como é o meu caso (...),

é perfeitamente legítimo. Acho que nestas, como noutras coisas, a arte é perfeitamente autónoma", declarava ontem aquele dignatário da Igreja portuguesa.

O bispo resignatário de Setúbal, D. Manuel Martins, foi mais longe e disse à Rádio Renascença estar "extraordinariamente feliz com a atribuição de um Prémio Nobel a um compatriota". E acrescentou que ficaria muito contente se José Saramago, "que escreve lindamente, se deixasse iluminar por ideais cristãos, já que, infelizmente, nessa linha deixa muito a desejar". ■ I.B.

ILUSTRAÇÃO: ANDRÉ CARRILHO



O labirinto e a sua metáfora

Manuel Vázquez Montalbán*

O PRÉMIO Nobel premeia, finalmente, um escritor de língua portuguesa, um escritor difícil, que se digladiava com o literariante correcto e que agora, mais do que nunca, precisa de ser apresentado para escapar do imaginário construído pelos tópicos, como se tratasse de um balão de banda desenhada. O imaginário de Saramago está ligado a um escritor tardio, como Buffalino ou Camileri, jornalista e comunista, nascido à sombra da estética de Pessoa em "O Ano da Morte de Ricardo Reis", construtor de utopias irónicas impossíveis em "A Jangada de Pedra", interpretada como uma parábola anti-europeísta, exemplo de um escritor comprometido com a literatura e a ideologia, mas possuidor dessa verdade literária que não depende da ideologia.

"Ensaio sobre a Cegueira" introduz-nos o Saramago actual, em busca de um discurso em que a Vida, História e Morte se tornam parcimónia expositiva, como se o escritor se concedesse a si próprio um tempo sem limites de exposição literária, em contradição com os limites biológicos e históricos. Pode dizer-se, inclusive, que Saramago parece afastar-se da esperança laica, da História, do optimismo histórico, forçando, tratando de não se render perante a tendência do pessimismo biológico. "Todos os Nomes" parece-me ser uma das obras mais reveladoras da relação ética-estética no actual Saramago. Vida, mundo, tempo, espaço encontram neste romance o plutónico referente do arquivo onde está tudo escrito.

Cenografia

O protagonista busca e rebusca e na geometria enfileirada do arquivo da Conservatória Geral do Registo Civil concebido como um universo de ar-

quívos ou como o Universo arquivado, materialização da relação do espaço com o tempo, um e outro embalsamados. Se para Borges o Universo era ou mereceria ser uma Biblioteca, Saramago propõe-nos que seja a Conservatória Geral do Registo Civil com dois sujeitos dominantes: o chefe e o Sr. José, o funcionário probo da estirpe dos funcionários decimonónicos passado pela náusea do autodidacta e a indeterminação de Joseph K.. Saramago recreia-se na construção de um romance de funcionários públicos em atmosfera oitocentista como se procurasse uma cenografia falsamente naturalista, uma cenografia enterrada, sepultada, pré-kafkiana, um dos momentos mais conseguidos do livro.

Se no romance ensimesmado dos anos 60 e 70, os protagonistas levavam trinta páginas a subir uma escadaria e 40 a abrir uma janela, em "Todos os Nomes" o Sr. José demora 40 a abrir uma pasta, com a íntima satisfação de proprietário da memória das vidas de todos nos seus dados mais óbvios. O leitor vê-se submerso pela intriga da descoberta esperada e assume a aproximação até que chegue a luminosidade da notícia de uma mulher que vai transportar o Sr. José e o leitor para fora do Registo, talvez com a esperança de uma fuga do labirinto. Importa dizer que se a metáfora do mundo é o Conservatório, o labirinto é a da vida. Talvez essa mulher que desperta o Sr. José, fazendo-o emergir da própria substância de um papel bolorento, seja Ariadne oferecendo-lhe o fio redentor.

O labirinto interior está separado do exterior pela pele, mas Valery escreveu que o mais profundo no homem é a pele. O Sr. José, o próprio Saramago, pensa que não tomamos decisões, mas que são decisões que nos le-

vam a nós. E aqui temos a primeira presença de Beckett: "Isto não é mover-se, isto é ser movido." Nas suas andanças atrás da construção de uma mulher real, o Sr. José vai-a desconstruindo, porque a indagação levá-lo-á à morte, dentro dos dois hemisférios separados da Conservatória de Registos, o dos mortos e o dos vivos. O chefe, sabedor das pequenas e angustiadas transgressões, que o Sr. José teve que perpetrar para atravessar o subtil tabique que separa a vida da morte, propõe-lhe que contemple os dois hemisférios como se fosse um só.

Numa patética cena quase final, a indagação permite-lhe ouvir a voz da mulher procurada numa banal gravação de um atendedor de chamadas. O protagonista confessa ter ficado sem pensamentos e a voz da fita é a segunda contribuição de Beckett, o referente de "Krap's Last Tape". A vida está gravada, só gravada, e só faz sentido ao redor dessa voz. Romance da intriga morosa ao ritmo lento dos passos de um funcionário. Romance, literatura de amor, toda a de Saramago sobre o sensorial e os corpos concretos: trata-se de construir um mito emocional com a parcimónia de um burocrata incapaz de assumir que a sua angústia se chama angústia. Ou o leitor assume esse tempo moroso, identificação da relação do tempo e do espaço embalsamados, ou não entrará no labirinto e na sua metáfora.

Deram o Nobel da Literatura a um grande escritor e a uma grande literatura que o mereciam. Porque a notícia não é só prémio para Saramago, mas a primeira vez que se deu o Nobel a um escritor da língua portuguesa, apesar de Eça de Queirós, de Torga ou de Jorge Amado. ■

* escritor

Exclusivo PÚBLICO/El País

reações europeias

Os jornais espanhóis foram os que mais efusivamente saudaram a atribuição do Nobel a José Saramago, com honras de destaque no "El Mundo" e no "El País". O italiano "La Repubblica" rejubilou com o prêmio e chamou a atenção para as críticas do Vaticano ao escritor. Os grandes jornais ingleses, bem como o "Herald Tribune", foram mais discretos, com exceção do "The Guardian", que dedica ao assunto uma página inteira. Mais discretos ainda foram os franceses: o "Libération" está em greve e não saiu ontem e o "Le Monde" não disse uma palavra sobre o assunto.

Itália

"O Nobel desembarca em Portugal", era o título de um dos vários artigos que o diário italiano "La Repubblica" dedicava ontem ao Nobel português da Literatura ao longo de duas páginas. "Até que enfim" (em português)! A expressão de júbilo e alívio atravessou o Atlântico de um lado ao outro, ligando o Brasil e Portugal, passando pela Madeira, Porto Santo, Açores e Cabo Verde, fantasmas de uma mítica Atlântida que hoje fala português", afirma o "La Repubblica". "Uma vitória que já não se esperava", é o título de outra notícia do mesmo jornal, que transcreve e comenta as reações negativas de "L'Osservatore Romano": "É como se o órgão oficial do Vaticano visse o mundo povoado de prémios Nobel vermelhos. Dario Fo [Prémio Nobel da Literatura em 1997] divertiu-se muito com os comentários do órgão oficial do Vaticano. Para estes senhores, o prêmio Nobel está-se a tornar num sofrimento permanente."

Espanha

O diário espanhol "El País" publica em primeira página a notícia "José Saramago consegue o primeiro Nobel para a língua portuguesa", ilustrada com uma fotografia a três colunas do escritor na conferência de imprensa na Feira do Livro de Frankfurt. Seis páginas no interior do jornal abordam o assunto em vários tons, incluindo uma "biografia essencial" de Saramago e um editorial intitulado "Um Nobel Ibérico", onde se afirma que "finalmente se fez justiça à língua portuguesa, falada por 200 milhões de pessoas em sete países da Europa, África e América." "Saramago — traduzido em dezenas de países, com leitores de uma fidelidade indefectível — acrescentou prestígio mundial à sua língua com uma produção literária de indiscutível peso estético e cultural. E, sem dúvida, um dos autores com maiúscula desta época, cuja criatividade faz com que cada uma das suas obras seja substancialmente distinta da anterior", considera o "El País". "El Mundo", o outro diário espanhol de maior circulação, dedica um destaque de seis páginas ao Nobel português, abrindo com uma notícia de Frankfurt, em que conta que o escritor, "quase a chorar de emoção, dedicou o prêmio a toda a literatura portuguesa". "A hora de um menino pobre" é o título da biografia do autor no "El Mundo", que também publica um texto sobre a sua mulher, a espanhola Pilar del Río, e um editorial assinado por Saramago, que se intitula "Alegra-te esquerda".

Grã-Bretanha

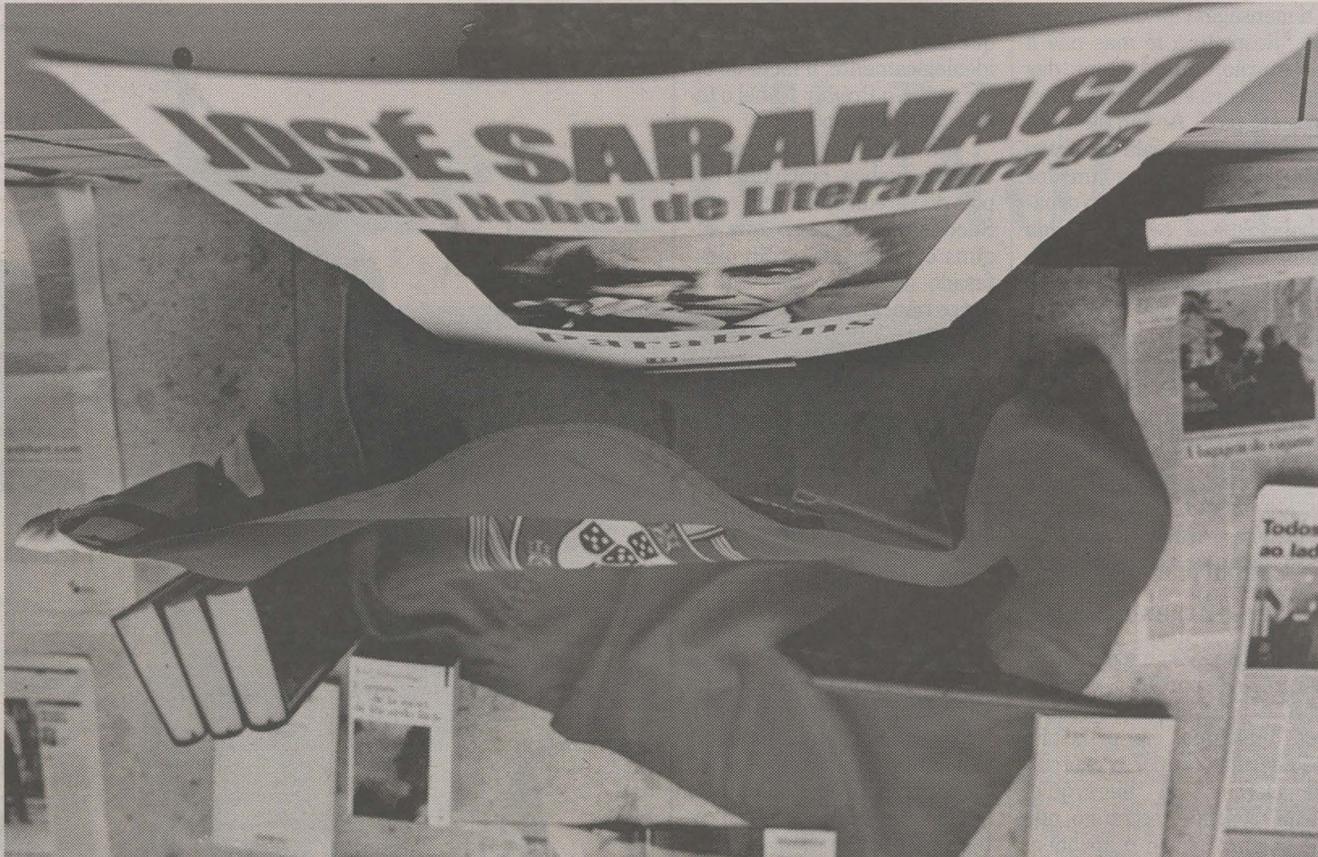
Um extenso artigo de página e meia no "The Guardian", de Londres, fala de Saramago como "o autor que recebeu finalmente o que lhe era devido pela Academia Sueca". Sob o título "Parábola dos poderes políticos em Portugal ganha prémio Nobel", o jornal cita declarações de Mário Soares sobre Saramago e fala do escritor através de entrevistas com editores ingleses da sua obra. As tensões dentro da Academia Sueca são ainda matéria de notícia para "The Guardian". O "Financial Times" refere o prêmio Nobel num pequeno artigo que sublinha o facto de Saramago ser o primeiro português a recebê-lo. "Mais do que nas personagens, na intriga ou no incidente, as obras de José Saramago centram-se principalmente nas palavras". Outro pequeno texto do mesmo jornal noticia que os fundos do prêmio Nobel se ressentiram este ano do "caos" que atingiu os mercados das ações. A primeira página do "Herald Tribune", jornal americano com sede em Paris, anuncia o Nobel para Saramago descrevendo-o como um escritor "que venceu na literatura relativamente tarde" e cujos romances têm "leitores fiéis em toda a Europa". "Saramago, o ateu, um estranho na sua própria terra" é o título do jornal "The Independent". Para este diário, o escritor é um "outsider" no seu próprio país e não está "nada preocupado com isso". "Sou céptico, reservado, não ando por aí a rir-me para as pessoas, a abraçá-las e a tentar fazer amigos. Apenas escrevo". O jornal britânico faz a biografia do escritor, caracteriza a sua obra como "irónica e imaginativa" e recorda que "O Evangelho segundo Jesus Cristo" foi um livro que "ofendeu as convicções católicas portuguesas". "Não tenho pressa. Apercebo-me de que estou a conseguir realizar tudo o que desejei na vida", disse Saramago ao "The Independent".

Irlanda

O mais importante jornal da Irlanda, "The Irish Times" declara que Saramago ganhou "finalmente" o Nobel e que "a fama e fortuna" bafejaram tarde a sua carreira. E considera o escritor "o mais conhecido em língua portuguesa". As origens rurais de Saramago são recordadas, embora com algumas imprecisões — diz-se por exemplo que ele nasceu no Sul do Alentejo, quando é natural do Ribatejo. ■

Isabel Braga

DAVE CLIFFORD



A maioria das livrarias foi apanhada desprevenida, depois de vários falsos alarmes em torno do Nobel para Saramago

Livrarias sem "stocks" e editora incapaz de satisfazer encomendas

Saramago esgotou-se

Clara Barata

Muitas livrarias nem sonhavam que o Nobel da Literatura deste ano seria português. Por isso, os livros de Saramago esgotaram. Quanto aos compradores, há desde os conhecedores da obra do autor de "Memorial do Convento" até curiosos que nunca leram nada dele, e ficam desanimados com a falta de parágrafos e pontuação. A Barata vendeu cem exemplares de Saramago em quatro horas.

Encontrar um livro de José Saramago ontem à tarde em Lisboa era uma questão de sorte, pois a maioria das livrarias foi apanhada desprevenida, depois de vários anos de grande alarido em torno do favoritismo de Saramago na corrida ao Nobel.

Quem apostasse nas livrarias do Chiado, ficaria defraudado, pois os "stocks" esgotaram na quinta-feira e, pelas 18h de ontem, quando o PÚBLICO por lá passou, deparava com montras decoradas com recortes de jornais em que se noticiava o Nobel português e pouco mais. Quem fosse à Barata ou à FNAC, já podia levar para casa o seu primeiro livro de Saramago, ou mais um exemplar para a coleção — ou mesmo a coleção inteira.

"O teatro, a poesia e as crónicas ficaram. Os romances mais polémicos foram-se todos

na quinta-feira", explicou América Messias, da Livraria Portugal, na Rua do Carmo. "Quando é anunciado o Nobel, acontece sempre isto. Há pessoas que nunca leram nada do autor e vêm à procura de um livro qualquer, para não fazer má figura; há os que sempre tiveram vontade de ler mas nunca o fizeram, e decidem-se nessa altura; e há também os que já leram alguma coisa, mas que vêm à procura de outras obras".

Como as livrarias se desabituaram de ter bons "stocks" — quem já tentou, sabe como é difícil descobrir um clássico tão óbvio como "D. Quixote" —, o galardão de Saramago e a inevitável curiosidade dos seus potenciais leitores deixou-as sem livros.

A Editorial Caminho (que publica toda a obra de Saramago) e a sua distribuidora, a Transdig, também não estavam preparadas para os pedidos que choviam de todos os lados.

"Sei que a Caminho até mobilizou toda a frota particular dos seus vendedores, mas mesmo assim não conseguem dar resposta", disse Manuel Vicente, gerente da Bertrand do Chiado. "Se tivéssemos adivinhado... Mas ninguém estava à espera disto este ano", desabafou. Por isso, os 80 exemplares de várias obras do Nobel português venderam-se rapidamente durante a tarde de quinta-feira.

Ao fim da tarde de ontem apenas restavam nas prateleiras da mais velha livraria de Lisboa três livrinhos, das obras menos conhecidas do escritor: "A Bagagem do Viajante" (crónicas), "Terra do Pecado" (o seu primeiro romance, de 1947) e "A Noite" (teatro). Havia também um único exemplar de uma tradução francesa de "O Ano da Morte de Ricardo Reis" (na montra) e meia dúzia de uma tradução para inglês do mesmo livro.

A montra principal da Bertrand, no entanto, estava decorada a preceito, com o que restava dos livros portugueses e as duas traduções disponíveis, além de recortes de jornais. "Se soubéssemos o que se ia passar, tínhamos encomendado uns 200 exemplares", afirmou Manuel Vicente.

O exemplo da FNAC

Mais atenta e, sobretudo, mais ambiciosa quanto ao volume de vendas esteve a FNAC. "O nosso 'stock' de Saramago era forte e reforçamo-lo com uma encomenda de três mil exemplares", explicou Eduardo Boavida, responsável pelo sector de livros na "megastore" lisboeta. Por isso os escaparates estavam cheios de livros do Nobel. "Ensaio sobre a Cegueira" e "O Evangelho segundo Jesus Cristo" eram os mais procurados entre os cerca de 200 exemplares vendidos entre quinta e sexta-feira. Num dia normal, a FNAC vende entre 20 e 30 livros de Saramago.

Na Barata, na Avenida de Roma, havia livros de Saramago. "Tínhamos 50 em 'stock', que esgotaram a meio da tarde de ontem [quinta-feira]. A nova encomenda chegou pelo meio-dia, e já vendemos cerca de 100", disse ao PÚBLICO, pouco depois das 16h, Graça Didier, a responsável pela livraria.

As obras de maior sucesso vêm com cintas apelativas anunciando o verdadeiro fenómeno de vendas que este escritor é em Portugal. "Ensaio sobre a Cegueira" vai na segunda edição e a tiragem nos 55 mil exemplares — um feito assinalável, pois uma boa tiragem em Portugal raramente vai além dos três mil volumes.

Pelas contas da Caminho, divulgadas pela agência Lusa,

Saramago já vendeu 617.500 exemplares de todas as suas obras. A este número há que acrescentar o 291.400 exemplares editados pelo Círculo de Leitores, o que dá um total de 1.108.900 exemplares vendidos desde 1979, quando Saramago passou a ser editado pela Caminho. Reimpressões pós-Nobel, por ora não, diz a Editorial Caminho. Só se verificar uma necessidade imperiosa de o fazer.

Quanto aos potenciais leitores de Saramago pós-Nobel, há-os de vários tipos. O PÚBLICO encontrou alguns, na FNAC e na Barata, onde ainda se podiam encontrar livros. "Gosto muito de Saramago, sobretudo do 'Memorial do Convento', por causa da sua imaginação, estilo hiperbólico e ironia. Acho fabuloso", comentou Isabel Pequito Valente, uma jovem bancária licenciada em literatura portuguesa. Ana Trigo, professora do ensino secundário, prefere Ferreira de Castro ou Miguel Torga. "Li o 'Evangelho...', mas preciso de o reler". Conversou ontem com os seus alunos do 11º ano sobre Saramago, mas estes não se mostraram muito impressionados com o Nobel. Alda Brás, outra professora, aprecia mais o Nobel. "Os meus alunos ficaram muito contentes e motivados para o ler, embora nenhum o tenha feito até agora. Um deles tentou, mas não conseguiu, porque era muito difícil."

Quanto a José Manuel Carapeto, capitão da GNR reformado, que se auto-intitula "um amante de livros, nunca leu Saramago. "Possivelmente, um dia destes levo um. Mas não sei, à primeira vista parece muito chato, porque não tem parágrafos nenhuns. Deve ser preciso muita paciência para ler este livro", comenta, com um exemplar do "Ensaio sobre a Cegueira" na mão. ■

Brasil inclui-se entre os “contemplados” pelo Nobel

“A língua portuguesa perdeu a virgindade”

“ENFIM” — com esta manchete, o “Jornal do Brasil” resumiu o tom adoptado pela imprensa brasileira diante da conquista do Prémio Nobel de Literatura por José Saramago. O que se ressalta é, para lá da vitória pessoal de Saramago, o reconhecimento dos méritos coletivos da língua portuguesa pela Academia sueca, e nisso o Brasil se inclui.

A fotografia de Saramago com as rosas da vitória nos braços ilustra as primeiras páginas dos principais jornais brasileiros, mas quem deu maior destaque ao Prémio foi “O Globo”, que dedicou 5 das 7 páginas do seu caderno de cultura ao escritor português. Também a manchete d’“O Globo” reflectia o orgulho colectivo que o primeiro Nobel de literatura conquistado por um escritor de língua portuguesa suscitou no Brasil: “A Língua Consagrada”, exulta o jornal carioca, que ao longo das suas páginas faz uma análise da obra de Saramago, menciona a infância pobre e a militância comunista, e publica uma entrevista, feita em Frankfurt, em que o escritor declara que o Nobel que acabara de receber não abre caminho para os brasileiros porque “a literatura brasileira não precisa que um escritor português abra caminho para chegar ao Nobel. Até mesmo se deve dizer que os brasileiros já deviam ter ganhado antes o Nobel e que eles é que abririam caminho para a literatura portuguesa. Eles é que mereciam ganhar mais do que eu. A verdade é que os escritores brasileiros [João Cabral [de Melo Neto], [Jorge] Amado e [Carlos] Drummond teriam sido grandes escolhas. Tem que chegar o momento em que o Nobel decida olhar finalmente para o outro lado do Atlântico, porque lá estão escritores que merecem mais do que eu”.

A generosidade de Saramago foi correspondida por um dos citados. Jorge Amado, o eterno cotado (e eterno

preterido) para a conquista do Nobel, amigo pessoal de Saramago e cicerone preferencial nas constantes viagens do escritor português ao Brasil, declarou que “ao reconhecer a literatura portuguesa com esse prémio a Saramago, um dos mais expressivos escritores do nosso tempo, o Prémio Nobel finalmente fez Justiça”. Jorge Amado também disse que ele e a mulher, Zélia Gatai, estão “duplamente satisfeitos”, porque, além de ser um grande escritor, Saramago é um grande amigo do casal.

Um afecto correspondido

Os vínculos de Saramago com o Brasil são, de facto, estreitos e alimentados por viagens frequentes ao país. Ele é amigo de alguns dos maiores escritores brasileiros, como, além de Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e Rubem Fonseca, e do compositor (e autor de dois romances) Chico Buarque de Hollanda, que compôs as músicas do CD que acompanha o livro “Terra”, com texto de Saramago sobre a luta dos sem-terra brasileiros e ilustrado pelas fotografias do também brasileiro Sebastião Salgado.

O afecto de Saramago pelo Brasil é correspondido. Depois de Fernando Pessoa, é o escritor português mais lido no país e, entre os contemporâneos, não há quem lhe faça sombra, apesar da exigência que Saramago impõe aos seus editores brasileiros de que a ortografia portuguesa seja mantida nas edições brasileiras — o que o poderia afastar do mercado do Brasil.

A reacção entre os seus pares brasileiros não podia, portanto, ser diferente. A presidente da Academia Brasileira de Letras, Nélida Piñon, disse que “ao ganhar o Prémio Nobel, José Saramago celebra a língua portuguesa. É o reconhecimento pela sua

devoção a uma literatura estética intransigente e sem concessões. Ele conseguiu firmar a língua portuguesa nessa Europa que sempre teve grandes escritores. É um homem com ideias de grande densidade ética”. O poeta Ferreira Gullar segue-lhe as palavras: “Este prémio tem um significado para a ‘descoberta’ que o Nobel faz da literatura em língua portuguesa. Era inexplicável que nenhum autor que pertence a esta língua fosse lembrado depois de tantos nomes obscuros terem recebido o prémio”. O campeão de vendas, Paulo Coelho, cuja qualidade literária é muito discutível, exprimiu-se no mesmo tom: “A língua portuguesa ganhou um prémio Nobel e isso é importante para todos os que escrevem em português. Saramago representa uma tradição de bons livros e uma consistente forma de pensar”. Chico Buarque não desafiou: “A língua portuguesa, feliz por ter sido lembrada, exulta por Saramago, que sempre a tratou tão bem”. António Torres acrescentou um toque de humor: “A língua portuguesa finalmente perdeu a virgindade. Saramago é um dos bons e velhos contadores de histórias deste século, um dos maiores narradores da nossa língua. Demorou a ser descoberto mas, quando o foi, chegou arrasando o quarteirão. Finalmente, um português vai embolsar um milhão de dólares”.

Entre a série de exultações, o toque de amargura fica por conta de Sérgio Sant’ana: “Não tenho nada contra o Saramago, mas não conheço a obra dele. O facto de terem premiado um escritor de língua portuguesa não quer dizer que possamos [os brasileiros] estar mais perto do Nobel. Pelo contrário, é capaz de eles pensarem que com isso premiaram literatura brasileira, de Angola... Por que nunca cogitaram um brasileiro?” ■

Mário Negreiros,
no Rio de Janeiro

Uma carta de Angola

INTELECTUAIS angolanos de várias tendências, nomeadamente escritores, jornalistas e músicos, enviaram ontem a José Saramago uma carta colectiva felicitando-o por ter sido distinguido com o prémio Nobel da Literatura.

A carta, assinada em primeiro lugar pelo escritor Pepetela, explica que os seus signatários procuram, por esse meio, evitar a Saramago a “maçada” de receber muitas mensagens individuais, que de outra forma lhe iriam ser enviadas pelos “homens de cultura e espírito angolanos”. “Queremos agradecer-te, José, pela tua obra imensa e importantíssima”, afirma a carta, que está a ser assinada por um número crescente de personalidades. Saramago é considerado “um homem

coerente, solidário com os que precisam de apoio, defensor intransigente das suas ideias e sem vergonha de ser o que é, nestes tempos tristes de tanta apostasia”. “Queremos agradecer-te, José, por ter estado connosco, angolanos, desde a época sombria do colonialismo que juntos combatemos”.

Dizem ainda os intelectuais angolanos que o prémio Nobel foi atribuído “no dia de Che Guevara” (comemorado em Angola) e que “um cazumbi [espírito amigável de alguém já morto] deve ter passado pela cabeça do júri”. A carta acrescenta que é obrigação do premiado continuar a escrever diariamente. “Faz parte da nossa obrigação ser-te gratos, como é tua obrigação escrever para nós todos os dias.” ■



entregas imediatas em todo o País

que **Valores protegem Valores**

Segurança, Qualidade e (pronta) Assistência são as Chaves do nosso Bom Nome. Em Casa, no Escritório, na Fábrica. Valores com Valor se guardam.

- Cofres de Parede e Monobloco.
- Portas Blindadas • Fechaduras de Alta Segurança.

Fábrica de Chaves do Areiro, S.A.
DESDE 1956 *A Opção Segura*

Praça Francisco Sá Carneiro, 10-D (Pç. do Areiro) 1 000 LISBOA • Tel.: 848 86 88 • Fax: 840 91 83

CENTRAIS TELEFÓNICAS BELCOM-RDIS

ATENÇÃO CLIENTES D'A BELTRÔNICA

COMUNICADO

Quando adquiriu a sua Central Telefónica BELCOM-RDIS sabia que era evolutível e que ia ter acesso a novos serviços revalorizando o seu investimento.

De acordo com este princípio informamos todos os nossos clientes possuidores de centrais dos modelos BELCOM-RDIS e BELCOM-DM (versão RDIS) que têm ao seu dispor o Videotelefone para ligar às extensões da sua central telefónica.

O Videotelefone é extremamente económico e com ele pode fazer e receber chamadas do país

ou do estrangeiro, falar e VER em simultâneo o seu interlocutor.

Devido à alta tecnologia utilizada, a comunicação de voz e imagem tem o custo de uma simples chamada telefónica.

Este Videotelefone BELCOM-RDIS para além de poder ser utilizado de uma forma autónoma tem uma tomada para ligar a um televisor vulgar, criando desta forma um estúdio de videoconferência profissional de uma maneira extremamente económica.

Dê mais capacidade de trabalho à sua empresa! Desloque as ideias e não

as pessoas!...

Entre já em contacto connosco e terá a agradável surpresa de ver a sua central telefónica ser revalorizada com pouco investimento.

Com o Videotelefone a sua empresa irá produzir mais.

Temos também um modelo para residência que liga directamente à rede pública.

Contacte-nos e tenha o prazer de VER com quem está a falar.

A BELTRÔNICA
DIVISÃO DE SISTEMAS TELEFÓNICOS DIGITAIS

SEDES OPERACIONAIS:

PORTO
Rua 5 de Outubro, 230 • 4100 PORTO
Tel.: (02) 607 91 60 • Fax: (02) 607 91 67

RIBATEJO
Av. Sá da Bandeira, 4 • 2000 SANTARÉM
Tel.: (043) 300 56 00 • Fax: (043) 300 56 09

ALENTEJO
Av. Dinis Miranda, 107 • 7000 ÉVORA
Tel.: (066) 740 94 40 • Fax: (066) 740 94 49

CENTRO
Rua Miguel Torga, 170 • 3030 COIMBRA
Tel.: (039) 79 11 00 • Fax: (039) 79 11 09

BEIRA INTERIOR
Rua Cidade da Covilhã, 47-1º • 6230 FUNDÃO
Tel.: (075) 77 90 00 • Fax: (075) 77 90 09

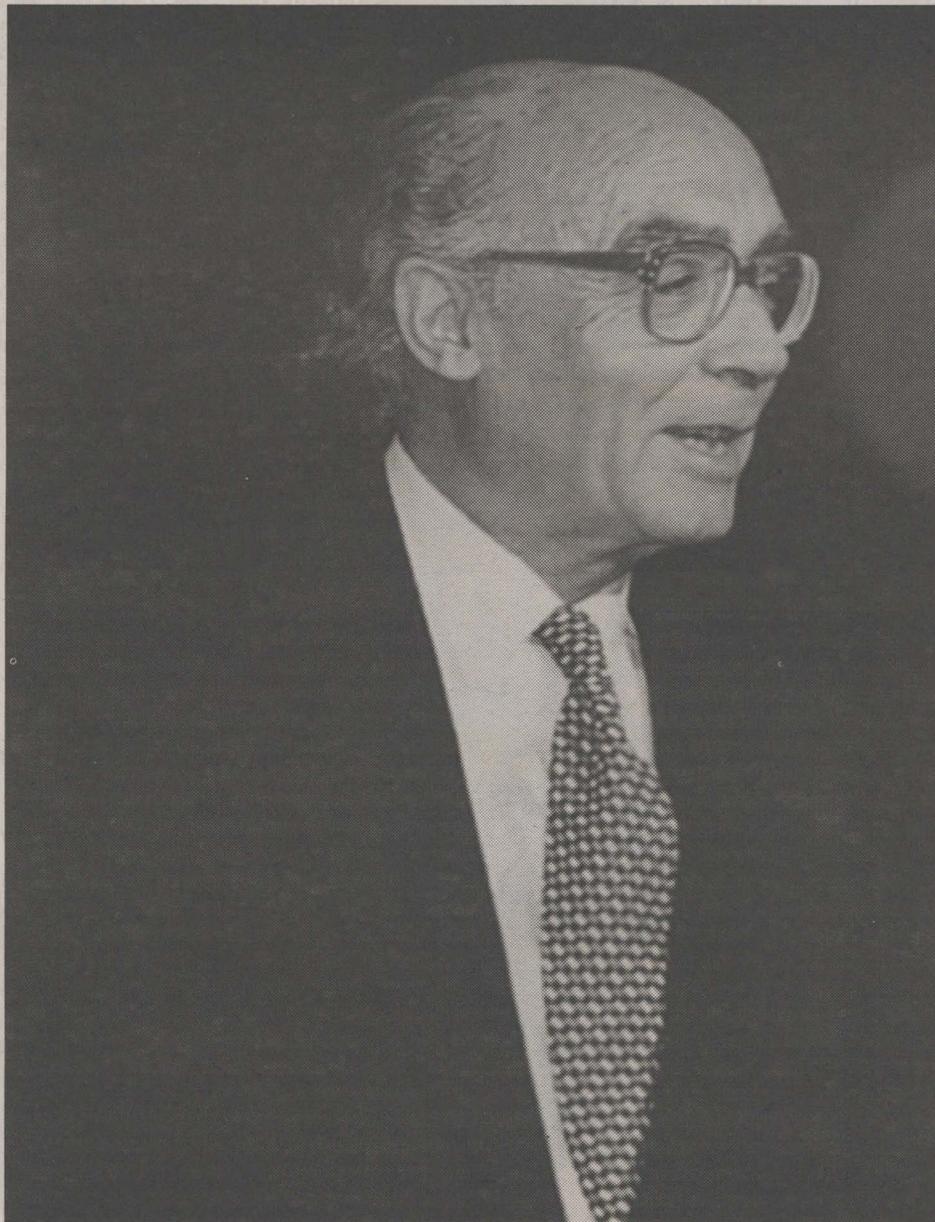
ALGARVE
Av. José da Costa Mealha, 161 • 8100 LOULÉ
Tel.: (089) 410 10 60 • Fax: (089) 410 10 69

LISBOA
Rua Dr. José B. de Sousa, 27 • 1500 LISBOA
Tel.: (01) 711 30 00 • Fax: (01) 711 30 03

SETÚBAL
Av. D. João II, 6-1º • 2910 SETÚBAL
Tel.: (065) 520 14 10 • Fax: (065) 520 14 19

MADEIRA
Rua Dr. Brito da Câmara, 26 • 9000 FUNCHAL
Tel.: (091) 740 41 00 • Fax: (091) 740 41 09

PARABÉNS ZÉ!



A SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
orgulha-se de contar entre os seus mais ilustres membros o
1.º Prémio Nobel da Literatura em Língua Portuguesa



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
Av. Duque de Loulé, 31 – 1069 Lisboa Codex